



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CRÔNICA¹

Lindanor Celina²

Levantei-me, sabe Deus como, desta cadeira e fui à cozinha fabricar o meu café. Meus olhos se fechavam, sou lá de sestas? Foi o copito do tinto. Meus envelopinhos de “expresso” findaram, tive de repetir a cena tantas vezes presenciada na infância: *“Dimitri, me empresta uma colher de moka?”* Riu-se ele do “me empresta”. Serge, idem, farta-se de rir dessa expressão. Usei-a hoje de manhã, quando lhe anunciei: *“O expresso acabou, vou a Dimítrius a que me empreste do seu”*. – *“Emprestado? Café?”* Aí mimei o teatrinho da vizinhança em que me criei: *“Dona Chiquinha, mamãe mandou pedir pra senhora emprestar meia colher de sal e duas de café”*. Serge repetiu, encantado: *“Vizinha me empreste uma colher de café, que lhe pago com (aí falou o que não devia), caímos na gargalhada. Tudo é pretexto de risos entre nós, dia em que não o faço rir, é perdido? Não. Mas não é completo. Não será a vida mais um arte de aprender a se divertir com nada?”*

- *“E a vizinha pagava mesmo com outra colherada de pó?”* – insiste ele.

- *“Não, seu bobo, quando podia e tinha com quê, trazia um agrado, uma fruta do seu quintal, uma tigelinha de munguzá, ou de canjica, tempo de milho verde. Vocês nunca viram desses favores?”* Ele busca na memória. Eu quem acho: *“Sim, Senhor! No casamento da filha de Mme. Résedá, sua mãe não lhe cedeu a baixela da família? Fê-lo tremendo, mas emprestou”*. – *“Ah, fez ele –, isso é outra coisa”*. – *“Nós somos povo pobre. Onde vivíamos, éramos considerados ‘remediados’, casa própria, pomar, basse-cour (aves), coqueiral, cafeeiros, etc. O bairro era humilde, as vizinhas se socorriam umas às outras, conforme a hora”*. Ele, já sério: *“Mas vocês podiam comprar casa... nós, cadê?”*

¹ Publicada em A PROVÍNCIA DO PARÁ - Belém, 6 de Janeiro de 1997
Acervo de pesquisa do Prof. Dr. Paulo Nunes.

² Lindanor Celina, Aeroporto de Atenas, Verão 95.

Verdade, seu irmão é único na família a possuir casa, para isso, mal saiu da Escola Vaugirard (é cineasta), primeiro salário foi para a “Poupança-Moradia”. Até seu dote³ empregou. Levou 15 anos pagando uma fábula. Serge concluiu: “*Quero lá dessas dependências*”. (Igualzinho Sartre, é anti-proprietário). Perguntei: “*E o que fizeste do teu dote?*” – “*Comprei o nosso carro*”. – “*O cavalinho verde?*” (um Citroen) – “*Esse mesmo*”. Mordi minha língua. Eu que o peitaria a ter carro, a frase-ultimatum escrevo-a em francês, de vergonha: “*Je ne me Marie pas à um piéton*”.

Skyros, aerodrômio, 04 de setembro. *C’est fini*. Nem deu para sofrer adeuses. Ignorei Maria em lágrimas. É que o táxi chegou *raspando*. Dimítrius me abraçou tão apertado, quase me sufocou, repetiu três vezes: “*Tou cronou*” (para o ano). Eu acordara até serelepe, fiz nosso café, as vitaminas, e me fui à terrace da frente, pegar uma cor. Dimítrius me trouxe um segundo café, bem esperto, com açúcar verdadeiro. Criei mais coragem. Pensei: “*Krosta dorme, nem me despeço dele, melhor*”. Com surpresa vejo-o surgir, cara inchada-vermelha pelas 10 horas. “*Que foi isso, madrugaste?*” – *Não fui à aldeia esta noite...*” Meu menino! Privara-se do dançar no Povoado, para estar alerta à nossa partida. Eu ia lagrimando... Ele: “*Que isso, Celina!*” Calculei: É um homem não bate mais o pé, nem cospe de raiva no táxi que nos arranca daqui. A moleirona fui eu, ele quem me “calmou”.

Aproveitei para dizer-lhe que o amava. E que cuidasse dos pais, tivesse paciência com eles. “*A cada alívio feito a eles, Deus te manda uma benção*”. É que Kostas por vezes se “arrepia”, levanta a voz, mas isso é bem grego. Comigo e com Serge, jamais. Aproveito para infiltrar-lhe uma que outra palavra “em favor” dos pais tão sacrificados.

Não pense o leitor que fui assim tão boa filha, pintei e bordei com pai e mãe. Este remorso me roerá até o último suspiro. Quem sabe por isso quero evitar que mais tarde o meu Kostinha, que vi crescer, sofra desta pena inútil.

Serge descobriu que ele tem um dom danado para mecânica: economizou milhares de dracmas arranjando seu material de pesca, seu zodíaco, sua moto. É de pasmar o que cria em ferragem, com uma solda. Disse-lhe: “*Vem aí o inverno, não trabalharás na Taverna. Por que não arranhas um ‘estágio’ em Atenas, numa garagem? Terás três profissões: garçom, pescador, mecânico*”. Nem precisarás de estudos, só de experiência ‘in loco’. Animou-se e Dimítrius, que ouvia a conversa, concordou. Terminei o discurso com o velho ditado nosso: “*É prudente ter duas galinhas debaixo do painel*”. Em francês diz-se: “*Aconselhável ter duas peras para a sede*”.

Estas páginas, iniciadas no aeroporto de Skyros, prosseguem no de Atenas, por entre brados das funcionárias que utilizam o microfone ao máximo, como se fôramos todos surdos. Eis-me na fila para o visto de saída. Serge foi para a da Comunidade Europeia, mas expeditiva. A minha difere, a começar pela carranca do funcionário que

³ É uso, na França, os pais “dotarem”, como podem, seus filhos.

já nos mira com suspeitas. Armo-me com o meu passe-partout: a bela carta do Embaixador da Grécia em Paris, em que só não me chama de santa – e como “funciona”, um vero “Abre-te, Sésamo!”